

Crítica // A empregada ★

Pouco afeto, e muito carão para uma sofrida CLT

Em *A empregada*, com “compromissos inadiáveis” junto à Justiça, Millie (Sydney Sweeney) invade a vida e a casa de mimados patrões cercados de luxo e oportunismo

Ricardo Daehn

Valores materiais e aparências movem uma grossa parte do thriller *A empregada*, que tem um DNA longínquo com o deslumbrante trabalho de Park Chan-wook em *A criada* (2016). Mas, verdade seja dita: passado um tempo de filme, que até ensaia beber algo do novo clássico *Corra!* (2017), com o jardineiro Enzo (Michele Morrone) mantendo um segredo, tudo descamba para uma inusitada galhofa, na qual pouco pode ser levado a sério. Baseado em livro de Freida McFadden, o filme traz a assinatura do diretor Paul Feig, para todo sempre associado ao entretenimento de *Missão madrinha de casamento* (2011) e *Caça-Fantasmas* (2016).

Previsível e kitsch, o longa-metragem coloca a personagem Millie (Sydney Sweeney) num ninho de perturbações. Depois de um “grand tour” pela impecável mansão de

PARIS FILMES/ DIVULGAÇÃO



Nina (Amanda Seyfried), a candidata a emprego esquadrinha, pouco a pouco, a perturbação e toxicidade do ambiente em que moram o “Santo Andrew Gostoso” (vulgo futuro patrão, personagem de Bradon Sklenar, na pele de um tipo oposto ao visto em *É assim que acaba*) e a filha deste, Cecilia (Indiana Elle, talvez a melhor do elenco). Uma carga de hostilidade é implantada no filme que faz lembrar o imediatismo das emoções de filmes dos anos 1990 com quê televisivo como *A mão que balança o berço* e *Morando com o perigo*.

O roteiro de Rebecca Sonnenshine cunha rasas barbaridades, como “beleza é poder” e “reliquias de família são um privilégio” e “suco é privilégio, e não pode ser tomado em copo sujo”. Visto como “um sonho”, Andrew

motiva o risível brado de Nina: “Fique longe do meu marido”. A sinalização soa a um OK para que Millie aproveite a fundo as folgas com o empregador.

O que torna pouco crível cada detalhe do filme vem do desdobramento dos passados de cada personagem — e, pior, o futuro de todos também é duvidoso. Todos os gestos de cada personagem são questionáveis: há obediência cega, à custa do arrancar de cabelos; necessidade incondicional de adoração e desprezo pela “criadagem”. Traumas ilógicos e luxúria, exposta em forma de clipe de proporções ridículas e descabidas, além de punições cruéis, circulam na mansão de Nina e Andrew. Histeria, oportunismo e alianças irreais estão no ciclo de personagens mimados, hedonistas e fofos.

Brandon S. e Amanda Seyfried no longa *A empregada*: desfecho surpreendente